

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO E OS RECURSOS ADOTADOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: A UTILIZAÇÃO DE MÚSICAS EM SALA DE AULA POR PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE, PB

(Reflections on the practice of teaching and resources taken classes in Geography: use of music in the classroom by teachers Campina Grande, PB)

RESUMO

A disciplina de Geografia, apesar de sua importância para uma melhor interação do ser humano com a natureza e com os problemas que o circundam, vem sofrendo com um velho preconceito que a classificou como mnemônica e, portanto, chata e sem importância. Desse modo, o professor tem um papel fundamental, que é desmistificar o estigma que carrega esta área do conhecimento, através de uma mudança no modo como os conteúdos programáticos são trabalhados em sala de aula. Nesse sentido, este trabalho foi realizado a partir de pesquisa em livros didáticos de Geografia do 9º ano do Ensino Fundamental II; entrevistas com professores de Geografia de dez escolas da rede de ensino da cidade de Campina Grande/PB, objetivando levantar a utilização de letras de música como instrumento alternativo na prática de ensino-aprendizagem. Ficou evidenciado que é fundamental a utilização de novas estratégias didático-pedagógicas, de modo a transformar as aulas de Geografia em algo significativo, evidenciando a necessidade de renovação e inovação no ensino desta disciplina.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Recursos Didático-Pedagógicos; Música.

ABSTRACT

The discipline of geography, despite its importance for a better interaction of humans with nature and with the problems that surround it, has suffered from an old prejudice that classified as mnemonic and therefore boring and unimportant. Thus, the teacher has a key role that is to demystify the stigma that carries this area of knowledge, through a change in the way the syllabus is worked in the classroom. In this sense, this work was carried out from research in textbooks on geography in 9th grade of Elementary School II, interviews with teachers of Geography ten schools in the schools of the city of Campina Grande/PB, aiming to raise the use of letters music as an alternative to the practice of teaching and learning. It was evident that it is essential to use of new didactic and pedagogical strategies in order to transform the geography lessons into something significant, highlighting the need for renewal and innovation in the teaching of this discipline.

Keywords: Teaching of Geography; Didactic-Educational Resources; Music.

Suellen Silva Pereira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Rua Maria do Carmo Nóbrega, 60 – Três Irmãs, CEP: 58423-173
Campina Grande (PB) - Brasil
Tel: (+55 83) 8887 8115
suellenssp@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Geografia tem um papel de suma importância, que é despertar na sociedade um caráter de conscientização política e social, tornando-nos conhecedores dos problemas da sociedade, podendo questionar suas causas e possíveis soluções; estimular o censo crítico, transformando-nos em verdadeiros cidadãos, sabedores dos direitos e deveres para que, assim, não fechemos os olhos para a realidade que nos cerca. Tal importância é ressaltada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (BRASIL, 2001, p. 123) ao afirmarem que: “pelo estudo da Geografia os alunos podem desenvolver hábitos e construir valores importantes para a vida em sociedade”. E para isto, o professor tem um papel fundamental, fazer com que o aluno aprenda a aprender, despertando nele o interesse por esta disciplina.

Percebe-se que, em virtude das grandes transformações ocorridas no contexto social na atualidade, o papel do educador mudou completamente. É preciso mudar também a perspectiva didática diante de um novo perfil do professor de Geografia, o qual deverá buscar a formação de cidadãos críticos e construtores. A introdução de novas técnicas didático-pedagógicas é de fundamental importância para que ocorra uma mudança na prática de ensino, ultrapassando o método do ensino “bancário”, conforme ressaltado por Paulo Freire (1994), no qual o professor apenas repassa os conteúdos e os alunos apenas reproduzem o que lhes foi repassado, sendo a educação caracterizada como um instrumento de opressão.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo demonstrar a realização de um levantamento em livros didáticos, mais especificamente, nos livros do 9º ano do Ensino Fundamental II. Seu intuito é verificar a utilização de letras de músicas na complementação metodológica dos conteúdos abordados. E também analisar a utilização de letras de músicas em sala de aula, por parte dos professores do 9º ano do Ensino Fundamental II de escolas privadas da Rede de Ensino da cidade de Campina Grande/PB, como instrumento alternativo na prática de ensino-aprendizagem.

Com isso, valoriza-se a importância do professor como agente formador de opinião e não apenas como um mero reproduzidor de conteúdos. Para isso, esse profissional deve procurar adequar-se às novas mudanças no processo de ensino-aprendizagem e às inovações tecnológicas, que colocam a disposição recursos que podem ser utilizados em sala, de modo a tornar suas aulas mais dinâmicas e propiciar uma maior interação entre o alunado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para elaboração da presente pesquisa, foi feito uso de alguns procedimentos técnicos. Primeiramente, fez-se um estudo de gabinete através de uma pesquisa bibliográfica, para, assim, aprofundar a discussão a respeito da temática proposta. Posteriormente, foi realizado um levantamento nos livros didáticos adotados no 9º ano do Ensino Fundamental nas escolas visitadas. Este levantamento ocorreu em 05 (cinco) coleções, a saber:

- a) *Construindo a Geografia* (ARAÚJO *et al*, 2003);
- b) *Geografia: Espaço e Vivência* (BOLIGIAN *et al*, 2005);
- c) *Geografia* (CASTELLAR & MAESTRO, 2006);
- d) *Geografia: o espaço geográfico da Europa, Ásia e África* (GARCIA, 2002);
- e) *Geografia: Projeto Araribá* (DANELLI, 2007).

Esta análise teve o intuito de verificar a presença ou não de letras de músicas nos conteúdos abordados nos referidos livros, como forma de renovar e inovar as técnicas de ensino-aprendizagem.

Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo em escolas privadas da cidade de Campina Grande/PB, com a finalidade de buscar subsídios para fomentar o uso de novos métodos didáticos no ensino de geografia; mais precisamente, a inserção de letras de músicas. Para tanto, utilizou-se do questionário semi-estruturado como instrumento metodológico para a coleta de dados nas escolas. O mesmo foi distribuído a 20 escolas da rede privada de ensino da cidade, no período correspondente aos meses de março a maio do ano de 2009, tendo como destinatário os professores responsáveis pelas aulas de geografia do 9º ano do Ensino Fundamental II. A escolha das escolas levou em consideração a sua localização¹ e disponibilidade dos professores em participar da pesquisa. Ressalta-se que do total de questionários distribuídos, apenas 50% destes foram respondidos e aproveitados na análise. O referido instrumento teve por objetivo ressaltar a opinião destes professores sobre a utilização de músicas em sala de aula.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA

Mesmo sendo a Geografia essencial para a compreensão crítica das relações espaciais entre o homem e o espaço geográfico – o que possibilita a análise de fatores sociais, políticos e econômicos, etc. – não é essa sua acolhida habitual no senso comum. Principalmente em se tratando de temas básicos da Geografia Física, que costumeiramente a torna uma disciplina enfadonha, ao ponto de ser taxada por muitos alunos como de “pura decoreba”.

Com a modernização nos meios de comunicação e a consequente expansão da tecnologia, se faz necessário uma modificação no método de ensino-aprendizagem, para que este possa acompanhar o processo evolutivo, adequando-se as novas exigências da sociedade.

Nesse contexto, é de fundamental importância à renovação do ensino de geografia, baseada na inovação de materiais didático-pedagógicos, que possibilitem aos alunos um novo olhar para tal disciplina, despertando o interesse destes pelas aulas. De acordo com Pinheiro *et al* (2004, p. 104):

Para romper esse estigma, alguns professores buscam várias maneiras de renovar e inovar o ensino. Nas transformações por que passa a escola, com vista à reformulação dos métodos educacionais, os materiais didáticos são de fundamental importância no trabalho do professor. Eles se constituem em instrumentos que possibilitam planejar boas situações didáticas, buscando promover a ampliação dos conhecimentos dos alunos, permitindo-lhes desenvolver conceitos, problematizar questões e articular conteúdos. Para isso, o professor deverá criar situações concretas de aprendizagem.

A constatação do autor pode ser corroborada pelos PCN's (BRASIL, 2001, p. 153) quando estes, ao discorrerem sobre as práticas de ensino da Geografia, afirmam que:

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os

¹ Para a escolha das escolas participantes foi-se levando em consideração, primeiramente, estarem localizadas no centro na cidade, uma vez que este bairro concentra uma quantidade considerável de escolas facilitando a acessibilidade e, por conseguinte, a viabilidade de realização da pesquisa. Em seguida, foram visitadas escolas localizadas em outros bairros, como forma de compor o quantitativo proposto que foi de 20 escolas.

diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaços.

É importante ressaltar que os equipamentos que permitem essas práticas não podem ser priorizados pela metodologia de aprendizagem, apenas pelo seu simples domínio e uso. São as formas de usar suas possibilidades de comunicação e de informação que se constituem alternativas didáticas. Assim, **projetar um filme, acessar a internet, capturar um texto, assistir a um programa televisivo, escrever um texto no computador** são ações que se tornam educativas pela intencionalidade pedagógica do ensinar e do aprender, não porque são práticas do nosso tempo (MELO *et al*, s/d).

É bem verdade que ainda existem muitos professores que permanecem com sua postura singular e uma metodologia retrógrada perante os alunos, limitando-se ao Ensino Tradicional da Geografia o que, por conseguinte, termina por privar o aluno de sempre estar explorando e fazendo novas descobertas neste campo do conhecimento. Os alunos precisam ser estimulados e, para tanto, o professor precisa utilizar dos meios que lhe são oferecidos para enriquecer suas aulas, de modo a tornar o processo de ensino-aprendizagem interativo e eficaz.

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE APROXIMAÇÃO ENTRE O ALUNO E A GEOGRAFIA

Fernandes (1993 *apud* OLIVEIRA *et al*, 2002) analisa o som (música) e a imagem no ensino de Geografia baseado em três paradigmas curriculares, que possibilitam a compreensão dos fundamentos teóricos que norteiam a reflexão a cerca da comunicação verbal e visual, participação e reflexão. No desenvolver de sua obra, o autor deixa explícita a sua preocupação com a seleção do material áudio-visual a ser trabalhado em sala de aula, ressaltando a importância sobre o conteúdo das músicas escolhidas e a relação com o cotidiano dos alunos, fato que contribuirá para o processo de construção do conhecimento. Quanto aos paradigmas, são os seguintes:

- 1º) *Técnico-linear* - suas principais características são: a presença marcante do livro didático, orientação pedagógica a partir do planejamento presente no próprio livro, assim como o tipo de avaliação, geralmente baseado na utilização de questionários e tendo o controle central do professor;
- 2º) *Circular consensual* - suas principais características são: o professor leva em conta as características e necessidades dos alunos e os recursos presentes na escola, também, a avaliação metodológica e seleção de conteúdos pautam-se nas condições de existência dos alunos. Ou seja, trata-se de um trabalho com o conteúdo resultante da experiência de vida dos alunos, o professor acompanha o processo, mas não interfere na realidade;
- 3º) *Dinâmico dialógico* – suas principais características são: o professor tem clareza de que a escola é o espaço privilegiado para o debate e construção de conhecimentos, a pesquisa é uma atitude constante neste paradigma, assim como a problematização dos conteúdos já sistematizados ou aqueles relacionados a realidade local. Os conteúdos, metodologias e avaliações, são entendidos como processos e planejados de forma que o todo e as partes estejam em constante relação.

Nesse contexto, a música (som e letra) pode ser utilizada na problematização do cotidiano e na formação do cidadão de forma mais lúdica e interativa, tendo em vista a amplitude de abordagens que podem ser identificadas nos diversos gêneros musicais. Tal constatação também pode ser evidenciada nas palavras de Dohme (2009, p. 57/58) ao afirmar que:

[...] o uso da música como um meio de expressão, como um elemento que propicia momentos lúdicos e como este aspecto proporciona o desenvolvimento individual e o convívio em grupo. [...] Não resta dúvida que este contacto é uma forma de despertar, e poderá ser um instrumento para identificar o gosto pela música incentivando o seu estudo e aprimoramento, mas também é verdade que este uso da arte musical leva a experiências outras, como a sociabilização, desinibição, criatividade, descoberta e formação da auto-estima [...].

Diante do exposto, cabe ao professor desenvolver reflexões sobre o desenvolvimento da sua prática pedagógica, assim como ressalta Paulo Freire (2009), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (p. 22)

De acordo com Oliveira *et al* (2005, p. 74), aliar essa facilidade de assimilação encontrada nos mais diversos gêneros musicais às propostas metodológicas e curriculares da Geografia pode gerar bons resultados. Dificilmente se encontrará algo mais atrativo, entre crianças e jovens, do que o compartilhar suas preferências, sua reprovação ou aprovação às obras musicais, com seus colegas e professores.

A variedade de conteúdos e gêneros musicais encontrados podem ser um fator facilitar para a sua utilização, como demonstrado por Costa (2002 *apud* PINHEIRO *et al*, 2004, p. 104) ao abordar que:

Uma das vantagens de se utilizar a música na Geografia se afirma na pluralidade de assuntos abordados por esta ciência. Violência, guerras, conflitos raciais, fome, falta de infra-estrutura nas cidades, belezas naturais, como também degradação ao meio ambiente, fazem parte dos temas abordados por muitos compositores [...].

Para Pinheiro *et al* (op. cit.), apesar da música não ilustrar visualmente o conteúdo a ser explorado, ela se constitui em um veículo de expressão capaz de aproximar mais o aluno do tema proposto a ser estudado.

Embora seja difícil encontrar uma pessoa que não goste de música, é possível considerar a arte musical como apoio para outros conhecimentos. Aproveitando a facilidade com que a música é assimilada, principalmente pelos jovens, pode-se usar desse recurso fazendo uma conexão com o conteúdo de forma prazerosa e ampla para a aprendizagem coletiva. Ela sempre está presente na vida das pessoas. Desde as primeiras manifestações culturais das civilizações, sempre foi um meio de expressão do modo de vida de uma sociedade. Por isso:

A educação da Geografia através da música proporciona a vivência da linguagem musical como um dos meios de representação do saber construído pela interação intelectual e afetiva do homem com o meio ambiente, pois a interação natureza-sociedade faz parte do cotidiano de todos os seres humanos do planeta (COSTA *apud* PINHEIRO, op. cit. p. 105).

Com isso, cabe ao professor fazer uma escolha criteriosa das músicas a serem trabalhadas com seus alunos em sala de aula, analisando a sua adequação com a temática em estudo, e o que a esta tem a oferecer para um maior enriquecimento das aulas a serem ministradas, extraindo do alunado sua posição crítica diante do estudo, buscando sempre uma correlação com a temática proposta e a realidade de vida de cada

aluno, uma vez que, cada um de nós tem uma realidade de vida diferente e esta pode ser abordada de diversos ângulos.

O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: EM BUSCA DE NOVAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Em várias escolas brasileiras o livro didático termina sendo o único recurso utilizado pelo professor/aluno, tendo em vista principalmente, a realidade das escolas de Ensino Básico do Brasil, onde as crianças terminam tendo acesso a estes materiais através de políticas públicas, podendo essa distribuição ser “encarada, como usualmente se faz, enquanto medida meramente assistencialista” (KIMURA, 2008, p. 19). Todavia, tais medidas “podem minorar as dificuldades de sobrevivência dos mais pobres e, portanto, favorecer a escolarização das crianças”. “Certamente, são medidas que devem passar por melhorias e que não podem ser adotadas isoladamente em relação a outras” (IDEM).

Tendo em vista a importância que o livro didático termina por assumir no processo de ensino-aprendizagem, diante de uma realidade explicitada anteriormente por Kimura (op. cit.), faz-se necessária uma reflexão sobre o uso deste material. Desse modo, comungo das palavras de Vesentini (2008, p. 55/56), quanto este afirma que:

Independentemente do manual adotado pelo professor (que até pode ser o "melhor" em termos de conteúdo e tratamento pedagógico de vocabulário, das questões propostas, da adequação aos ensinamentos da psicologia educacional, etc), o que se constata na realidade é que o livro didático constitui um *elo* importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do *saber definido*, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte última de referência e contrapartida dos "erros" das experiências de vida. Ele acaba, assim, tomando a forma de *critério* do saber, fato que pode ser ilustrado pelo terrível cotidiano do "veja no livro", "estude, para a prova, da página *x* até a *y*", "procure no livro", etc.

Contudo, é possível manter uma outra relação com o livro didático. O professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a serviço dos seus objetivos e propostas de trabalho. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando-o com outros livros, com informações de jornais e revistas, com a realidade circundante. Em vez de aceitar a "ditadura" do livro didático, o bom professor deve ver nele (assim como em textos alternativos, em *slides* ou filmes, em obras paradidáticas, etc.) tão-somente um apoio ou complemento para a relação ensino/aprendizagem que visa integrar criticamente o educando ao mundo (VESENTINI, op. cit., p. 56).

Nesse contexto, observa-se uma mudança na metodologia de ensino nos últimos anos, igualmente, os livros didáticos também vêm acompanhando esta evolução, ou pelo menos deveriam. Nessa perspectiva, almeja-se que os livros atuais passem a incluir cada vez mais a música como um recurso didático-pedagógico a ser trabalhado em sala de aula, fazendo com que sejam discutidas e problematizadas questões contemporâneas com o intuito de “dinamizar as ações educacionais e melhorar as interações professor, aluno e objeto de conhecimento” (SILVA *et al*, 1999, p. 3 *apud* OLIVEIRA *et al*, 2002). Podendo este processo ser alcançado através da análise de letras de músicas em sala de aula.

Em análise realizada em algumas coleções de livros didáticos, mais especificamente nos livros do 9º ano do Ensino Fundamental II, observou-se que, apesar de ser uma nova proposta para os livros didáticos, a presença de letras de músicas ainda é bastante restrita, quando não inexistente (pelo menos no que se refere aos livros do 9º ano analisados).

Na coleção *Construindo a Geografia* (ARAÚJO *et al*, 2003) é possível observar apenas, no caderno de apoio ao professor, a indicação sutilmente da música como um recurso viável, mas este não traz nenhuma letra específica para servir de subsídio para o professor ao ministrar as suas aulas. Cabendo ao professor a escolha e o uso desse recurso.

Esta ausência de conteúdos musicais também está presente no livro da coleção *Geografia: Espaço e Vivência* (BOLIGIAN *et al*, 2005), cabendo ao professor a utilização de músicas de acordo com os seus conhecimentos de conteúdo e gostos musicais. Mas esta coleção apresenta aspectos que podem ser considerados bastantes positivos, no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que a abordagem dos conteúdos é realizada de modo a instigar a curiosidade do aluno, através de informações ilustrativas (gráficos, mapas, figuras, dentre outras), fazendo com que o aluno possa materializar, através das ilustrações, o conteúdo estudado, utilizando para isso a correlação do discurso escrito com a leitura de imagens.

Ao analisar a coleção *Geografia* (CASTELLAR & MAESTRO, 2006) observa-se que, apesar na inexistência de música ao logo da exposição dos conteúdos, a presente coleção aborda, ao início de cada capítulo, questões discursivas a respeito dos temas que serão estudados em cada unidade. O que é um fato interessante, pois a partir destas primeiras formulações apresentadas pelos alunos, é possível saber o seu conhecimento prévio sobre a temática, e partindo deste conhecimento inicial, (levando em consideração que não existe ponto de partida zero sobre o que vai ensinar ou aprender), o professor saberá como direcionar suas aulas, quais as deficiências dos alunos e seus pontos fortes, com isso, a explanação do professor acerca do conteúdo poderá vir a complementar ou reformular o pensamento do alunado, desenvolvendo, assim, suas habilidades intelectuais.

Uma característica bastante comum nos livros didáticos analisados é a presença de páginas bastante ilustradas, estas têm por finalidade complementar as informações que estão no corpo de cada capítulo, tais informações são transmitidas através de: mapas, gráficos, fotos, dentre outras, ajudando na análise do estudo da paisagem, por exemplo, e não deixando de ser, se bem utilizadas, um recurso didático que auxilia na aprendizagem do aluno.

Também foi possível identificar a existência de textos complementares, estes retirados de fontes variadas como jornais, revistas, livros, internet, dentre outras, de autores especialistas nos temas abordados. No livro analisado da coleção *Geografia: o espaço geográfico da Europa, Ásia e África*² (GARCIA, 2002), este recurso é bastante utilizado e são denominados de “Espaço de Leitura”, espaço este, onde o aluno pode complementar as informações obtidas no conteúdo trabalhado em sala. Um dos aspectos negativos observados no referido livro, é o fato dos conteúdos programáticos serem expostos de modo bastante resumido, o que, em parte, pode facilitar o entendimento do aluno, mas, que também, pode omitir informações importantes do ponto de vista histórico dos conflitos mundiais que marcaram nosso tempo, como a Guerra do Vietnã, por exemplo.

Outro aspecto observado na Coleção *Geografia: o espaço geográfico da Europa, Ásia e África* (GARCIA, op. cit.) que pode ser destacado refere-se à inserção, no término de cada capítulo, de sugestões bibliográficas para os alunos como forma de complementação e ampliação dos conteúdos ministrados em sala de aula. Tal iniciativa pode suscitar no aluno a curiosidade da pesquisa, fato que pode ser estimulado pelo

² Coleção adotada pela Rede Estadual de Ensino do Estado da Paraíba, no período de realização da presente pesquisa.

professor ao orientar o direcionamento das atividades propostas, fazendo com que o aluno seja um sujeito autônomo no processo de construção do conhecimento.

O levantamento realizado no exemplar da coleção Geografia: Projeto Araribá (DANELLI, 2007), foi possível identificar a presença de alguns dos aspectos negativos evidenciados nas coleções anteriormente abordadas, tais como, ausência de letras de músicas e/ou sugestões destas, sendo estas relacionadas com os conteúdos apresentados; inexistência de uma contextualização dos assuntos, de modo que este venha a ser trabalhado de forma mais objetiva e significativa, sem com isso ter que, necessariamente, omitir conteúdos. Estes fatos observados fazem com que a utilização de conteúdos de modo “superficial” termine por provocar a exaustão dos alunos e corrobora para a difusão de que a geografia é uma disciplina decorativa, pautada na memorização de nome de rios, países, capitais.

A inexistência de uma (co) relação dos conteúdos ministrados em sala de aula com o seu cotidiano, sua realidade vivida, inviabiliza o alcance do principal objetivo da geografia que é a formação de sujeitos críticos e criativos e, para tanto, se faz necessário que os alunos consigam fazer a transposição desses conteúdos para que, assim, se sintam elementos integrantes do espaço ao qual estão inseridos, interagindo e interferindo na organização deste. Desse modo, o conteúdo possa fazer sentido para o aluno e este passará, conseqüentemente, a se interessar pela ciência geográfica.

Se estas correlações, de fato, se fizerem presentes no cotidiano escolar, a geografia estará sendo ministrada em sua totalidade e esta passará a fazer sentido para os estudantes, perdendo, assim, o estigma de “disciplina sem importância” que tanto vem sendo propagada, propiciando as concepções preconceituosas para com esta área do conhecimento.

A UTILIZAÇÃO DE MÚSICA PELOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: INSTRUMENTO ALTERNATIVO NA PRÁTICA DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Em visita realizada nas escolas da rede privada de ensino da cidade de Campina Grande/PB, foram aplicados questionários semi-estruturados com professores do 9º ano do Ensino Fundamental de 10 (dez) escolas, durante os meses de março a maio de 2009, totalizando 10 professores. As perguntas envolviam questões relacionadas à prática pedagógica do professor em sala de aula, tais como: se o professor já utilizou a música em algum momento da aula como recurso didático e com qual objetivo esta foi aplicada; se o interesse dos alunos aumentou ou não nas aulas que foram ministradas com músicas, como também o questionário teve por objetivo trazer sugestões desses professores, estas, com o intuito de tornar as aulas de geografia mais agradáveis e participativas.

Os professores alvo da pesquisa atuam nas escolas visitadas, em média, há quatro anos, o que não coincide com sua prática de ensino no 9º ano que, em média, corresponde a seis anos de docência; visto que já atuaram em outras unidades escolares. De acordo com os pesquisados, os livros trabalhados em sala de aula “deixam muito a desejar”, frente a utilização de músicas como recurso didático. Fato este que não os impede de trabalharem com este recurso em suas aulas.

Entendem ainda, de forma unânime, que há maior participação do alunado nas ocasiões em que a música é mediadora para os conteúdos trabalhados. De acordo com um dos pesquisados, isto se deve ao fato de que “a motivação pelo diferente traz por conseqüência a interação na discussão dos conteúdos em questão”. Outro afirma que os “alunos acompanham a música e sempre fazem correlação com o conteúdo estudado”. Dessa forma, pode-se utilizar da fala de alguns professores para afirmar que, “o

interesse de alguns alunos vai além do conteúdo do livro, quando os mesmos gostam da música que foi trabalhada”, ou seja, “a experiência é sempre bastante positiva”, fato este ressaltado por Oliveira *et al* (2005, p. 74), ao relatar que:

Quando a proposta de utilização de música é apresentada aos alunos, a tendência que se observa é a de serem tomados pela curiosidade e ansiedade. A receptividade é quase sempre satisfatória. Tal iniciativa facilita muito na concentração e absorção das idéias explicitadas pela obra musical, complementando o uso do livro didático.

Uma das dificuldades enfrentadas pelos professores é no que concerne ao velho estigma que a disciplina de geografia carrega que é a de ser uma disciplina que muitos classificam de “chata” e “decoreba”. As justificativas dos alunos são bastante variadas, de acordo com os professores, alguns realizam as seguintes indagações: “para que eu preciso saber disso?” se “eu não vou utilizar isso em minha vida”, outros alunos afirmam que não gostam da disciplina pelo fato de “não gostarem de ler”, tendo em vista que a referida disciplina exige um pouco mais de leitura dos alunos, uma vez que esta tem por finalidade despertar este para a criticidade e reflexão dos acontecimentos geográficos, fato que exige leitura e conhecimento para que se possa questionar sobre. Tal constatação pode ser um indicativo de que, a rejeição pela disciplina, esteja relacionada com a forma como o conteúdo pode estar sendo abordado pelo professor. O que pode ser confirmado por Kaercher (2002, p. 223), ao afirmar que:

[...] o ensino de Geografia continua desacreditado. Os alunos, no geral, não têm mais paciência para nos ouvir. Devemos não apenas nos renovar, mas ir além, romper a visão cristalizada e monótona da Geografia como ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares. Devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço na constituição de sua individualidade e da(s) sociedade(s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país etc.).

Podendo, a necessidade de renovação no processo de ensino-aprendizagem, ser ressaltada por Vieira & Sá (2007, p. 102), ao colocarem que:

A aula dinâmica, que tem a participação do aluno como sujeito na construção compartilhada do conhecimento, pode ser bastante produtiva porque o aluno está motivado a buscar as informações e comprometido com as análises para comprovar seus argumentos. É uma aula rica em conteúdo e todos saem com o conhecimento melhorado, porque a cooperação na construção de um saber coletivo motiva todas que dela participam. Não é reprodução, não é “ditação”, não é cópia: é invenção dos autores.

Nesse contexto, o professor deve estar procurando sempre renovar as suas práticas pedagógicas em sala de aula, de modo, que estas venham a motivar a participação do aluno no processo de construção do conhecimento.

Outra questão abordada refere-se às letras de músicas que poderiam ser trabalhadas nas turmas de 9º ano e com quais objetivos estas poderiam vir a ser utilizadas. Entre as músicas citadas pelos professores pesquisados, pode-se destacar:

- “Parabolicamará” de Gilberto Gil (que poderia vir a ser usada nas aulas abordando a temática da globalização);
- “Homem Primata” de Titãs e “Diariamente” de Nando Reis (as referidas letras ilustram muito bem o capitalismo podendo ser um importante instrumento de compreensão do conteúdo);
- “Terra – Planeta Água” de Guilherme Arantes (tendo em vista que as problemáticas ambientais tornaram-se alvos da mídia, a presente letra seria uma

possibilidade para se estar trabalhando a problemática de escassez da água, e com isso, alertar para práticas sustentáveis);

- “Astronauta” de Gabriel O Pensador (Igualmente a letra da música anteriormente abordada, esta letra pode ser trabalhada para discutir a problemática ambiental, como em sua totalidade, aproveitando para chamar a atenção das nossas ações para com o meio em que vivemos e do qual sobrevivemos);
- “Que País é Este” (As Disparidades Socioeconômicas, principalmente evidenciadas com o sistema capitalista, podem ser ilustradas com base na exploração desta música, o que pode suscitar a discussão sobre o atual modelo econômico e quais suas consequências para a sociedade).

Neste contexto, corroborando com os apontamentos dos professores investigados, dentre as novas formas de ensinar e aprender o conteúdo geográfico, destaca-se a utilização de letras de músicas, podendo estas serem utilizadas como complemento metodológico, tendo em vista a variedade de ritmos e assuntos abordados nas letras, conforme colocado por Vieira & Sá (2007, p. 107):

A música pode ser um complemento auxiliar das atividades desenvolvidas para a interação com alunos nos trabalhos de ensinar e aprender Geografia. O professor não precisa conhecer nem compartilhar as preferências dos gêneros musicais de seus alunos, mas pode propor que eles façam um levantamento das músicas que tratem do tema em estudo. Por exemplo, “Três Raças”, de Clara Nunes, pode ser introduzida no estudo da população. A receptividade é quase sempre muito boa e promove a concentração.

Percebe-se que os professores estão sempre procurando renovar e inovar suas aulas com a inserção de músicas que retratam a realidade do nosso país, buscando fazer sempre uma correlação das músicas trabalhadas com os conteúdos ministrados e o cotidiano de cada aluno. Também foi possível constatar que os professores utilizam outras ferramentas como forma de enriquecer suas aulas, tais como: data-show, retro-projetores, visita às bibliotecas, revistas, aulas de campo, dentre outras.

Os resultados obtidos com a aplicação dos questionários foram válidos, pois vieram confirmar algumas hipóteses já levantadas. A utilização da música em sala de aula, através da análise do conteúdo e do contexto em que estas foram elaboradas, suscita debates e discussões bastante interessantes, cabendo ao professor mediar tais questionamentos, contribuindo, assim, para a construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão do Estudo de Campo pode-se verificar que o perfil do professor interfere no processo de ensino-aprendizagem; que além de um transmissor de conteúdos ele deve ser um estimulador da auto-reflexão, levando os alunos a analisarem sua origem através de pensamentos práticos e discursivos, buscando levar a discussão teórica para a realidade local. Para isso, o educador tem um papel importante quando deseja mudança na sua prática e ensino devendo desse modo, incentivar e despertar nos alunos o desejo de aprender de modo significativo, obedecendo ao seu nível de desenvolvimento cognitivo. Fato que é ressaltado por Vygotsky (1988) quando o autor afirma que no processo educacional, a formação de conceitos se constrói pelo confronto entre conceitos cotidianos e conceitos científicos. Dessa forma, as técnicas-metodológicas auxiliam na explanação e assimilação do conteúdo, facilitando, assim, o processo de ensino-aprendizagem.

As inúmeras vantagens de se introduzir a música como complementação metodológica, também pôde ser comprovada pelos professores que foram entrevistados, uma vez que é unânime (na opinião dos professores) a satisfação, o prazer e a curiosidade dos alunos nessas aulas, o que estimula a assimilação do conteúdo e o aprendizado dos mesmos.

Apesar de todas as vantagens já mencionadas no corpo deste trabalho, a presença de músicas nos livros didáticos ainda é bastante incipiente, haja vista que dos livros analisados, nenhum trouxe em seu conteúdo letras de músicas para serem trabalhadas e discutidas em sala de aula, cabendo ao professor a iniciativa de promover a utilização destas com base na sua criatividade e capacidade de inovação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, R.et. al. **Construindo a Geografia**. 8ª série. São Paulo: Moderna, 2003. 216 p.
- BOLIGIAN, L. **Geografia: Espaço e Vivência**. 9º ano. São Paulo, Atual, 2005. 224 p.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Ministério da educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3 ed. Brasília, 2001. 166p.
- CASTELLAR, S.; MAESTRO, V. **Geografia**. 2 ed. 9º ano. São Paulo: Quinteto Editorial, 2006. (Coleção Geografia). 223 p.
- DANELLI, S. C. S. **Projeto Araribá: Geografia: Ensino Fundamental**. 9º ano. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2007.
- DOHME, V. **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.p. 182.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 184 p.
- _____, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 144 p.
- GARCIA, H. C. **Geografia: o espaço geográfico da Europa, Ásia e África: 8ª série**. São Paulo: Scipione, 2002. 232 p.
- IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativa do Censo**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> >. Acesso em: 15 de abril de 2010.
- KAERCHER, N. A. O gato comeu a geografia crítica? alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, N.N, OLIVEIRA, O. (orgs). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221-231.
- KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008. 224p
- MELO, E. C. L. de, et al. **Geografia**. Disponível em: < http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20100218_ens_fund_dir_geografia.pdf > Acesso em: 20 de março de 2009.
- OLIVEIRA, H. C. M. de, et al. A música como um recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia: algumas reflexões. In: **Revista Caminhos de Geografia**. Uberlândia/MG, ano 8, n. 15, jun/2005, p. 73-81.

OLIVEIRA, A. R. de, *et al.* A música no ensino de língua portuguesa. In: **Revista Publicatio UEPG**: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes. Vol. 10, n. 1, ano 2002, p. 73-84.

PINHEIRO, E. A. *et al.* O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.14, n. 23, 2º sem/2004, p. 103-111.

VESENTINI, J. W. **Por uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Editora do Autor, 2008.

VIEIRA, C. E. & SÁ, M. G. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, E. Y. **Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.p. 101-116.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem e desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: ícone/Edusp, 1988.

Trabalho enviado em Dezembro de 2011

Trabalho aceito em Dezembro de 2011